

# Inabilidades históricas

## Presidentes usam o cargo, nem sempre com bom resultado

BRASÍLIA - A intervenção dos presidentes na política externa, dispensando a intermediação da chancelaria, nem sempre foi feliz, embora eles tivessem exercendo uma prerrogativa do cargo. Sérgio Danese cita episódios que mostram a inabilidade de presidentes nos negócios diplomáticos.

Um dos mais desastrosos ocorreu em 1926. O autoritário o presidente Artur Bernardes decidiu que o Brasil deveria ser membro permanente do conselho da Liga das Nações, a ONU da época, que se reunia em Genebra. Atropelando o representante brasileiro, Bernardes e o chanceler Félix Pacheco trataram de vetar a entrada da Alemanha na Liga.

O Tratado de Locarno, firmado em 1925, concedia à Alemanha, derrotada na Primeira Guerra, lugar entre os membros permanentes, mas exigia o referendo dos demais países.

Tudo o que a dupla Bernardes-Pacheco conseguiu foi criar um mal-estar internacional e adiar a decisão, favorável à Alemanha, de março para setembro. Por causa da trapalhada, o Brasil teve rejeitada sua reeleição como membro não-permanente do conselho. Em represália, Bernardes anunciou que o Brasil deixava a Liga das Nações.

Mas acabou tendo que engolir um desmentido do consulado

americano em Genebra à nota em que o governo brasileiro afirmava que sua atitude recebera apoio do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Edwin Morgan.

Getúlio Vargas pouco se ocupou da política externa em seu segundo governo (1951-1954), ao contrário do primeiro (1930-1945), em que acabou se tornando ditador e teve participação pessoal intensa na diplomacia. No primeiro governo, Vargas viajou duas vezes ao exterior. Numa delas, presenciou em Montevideú um atentado ao seu anfitrião, o presidente Gabriel Terra, que foi ferido nas costas. Na outra, encontrou-se com o presidente argentino, general Justo.

De volta do poder como presidente eleito, Vargas costumava referir-se à ONU como "aquele tribunal". Em julho de 1952, durante encontro com o secretário de Estado americano Dean Acheson, foi "lacônico e alheio", conta Danese, citando o deputado Roberto Campos (PPB-RJ), que presenciou a conversa.

Na única vez em que falou, Vargas disse, sem constrangimento: "Precisamos de navios". A frase lhe foi soprada ao ouvido por um assessor.

Por causa de seu jeito simples, o sucessor de Vargas, o presidente Eurico Gaspar Dutra foi vítima de uma piada que correu os meios diplomáticos. A piada dizia que, ao cumprimentar Dutra, o presidente Truman usou um nada formal "How do you

do, Dutra?" (Como vai você, Dutra?). O presidente brasileiro teria respondido: "How tru you tru, Truman?".

Num dos momentos mais polêmicos de sua curta passagem pela presidência da República, Jânio Quadros protagonizou a chamada "guerra das condecorações". Em 1961, Che Guevara, então ministro da Indústria do governo revolucionário que Fidel Castro comandava em Cuba, esteve em Brasília e recebeu das mãos de Jânio a com a Ordem do Cruzeiro do Sul, a mais alta honraria do país.

Repercutindo a irritação dos Estados Unidos, Carlos Lacerda, que, então, governava o estado da Guanabara, condecorou no Rio o líder anticomunista Manuel Antonio de Verona.

O ex-presidente Fernando Collor causou constrangimentos à delegação brasileira que participou, em julho de 1992, da Cúpula Ibero-Americana, em Madrid. Na época, Collor já estava abalado pelas denúncias e exigiu muito esforço diplomático para que o tema corrupção ficasse fora da declaração final do encontro.

Em agosto, prestes a ser afastado do governo, Fernando Collor foi à Bolívia para tratar da construção do gasoduto pretendido pelo Brasil. Só mais tarde, uma reclamação do governo boliviano revelaria que, durante um jantar com o presidente Paz Zamora, Collor prometera financiamento brasileiro para construção do aeroporto de Cobija. (J.R.)



Jânio condecorou Che Guevar e quis reatar com União Soviética

Reprodução



Vargas, com o general Justo em Buenos Aires, fez duas viagens